

Uma Geografia da Sociabilidade Pública na Cidade do Rio de Janeiro: o Encontro da Diversidade Cidadina nas Praças Tijucanas¹

A Geography of Public Sociability in Rio de Janeiro City: The Meeting of City Diversity in Tijuca Squares

Andre Felix de Souzaⁱ
Universidade Estadual Paulista
São Paulo, Brasil

Resumo: No presente artigo, à luz de um debate entre sociólogos e geógrafos, propomos uma reflexão sobre a perspectiva interacionista, corrente teórica que enfatiza o caráter interativo da vida urbana e pública. Trata-se, mais especificamente, de reconhecer os espaços públicos como lugares essenciais para o encontro da diversidade cidadina, isto é, para o exercício cotidiano da sociabilidade pública. Em nosso estudo de caso empírico, a partir da realização de diversos trabalhos de campo nas três maiores praças do bairro da Tijuca, cidade do Rio de Janeiro, propomos uma geografia da sociabilidade pública.

Palavras chave: Perspectiva Interacionista; Espaços Públicos; Sociabilidade Pública.

Abstract: In this article, amidst a debate between sociologists and geographers, we propose a reflection on the interactionist perspective, a theoretical current that emphasizes the interactive character of urban and public life. More specifically, it is about recognizing public spaces as essential places for meeting city diversity, that is, for the daily exercise of public sociability. In our empirical case study, based on several fieldworks in the three largest squares in the Tijuca neighborhood, in Rio de Janeiro city, we propose a geography of public sociability.

Keywords: Interactionist Perspective; Public Spaces; Public Sociability.

Introdução

Podemos conceituar as cidades de muitas maneiras distintas, e, ao longo da história, não foram poucos os que se propuseram a fazê-lo. Se consideramos apenas os últimos dois séculos (XIX e XX), como bem demonstrou o geógrafo Pedro de Almeida Vasconcelos: filósofos, geógrafos, historiadores, antropólogos, sociólogos, arquitetos, urbanistas, planejadores urbanos, economistas, entre tantos outros, se ocuparam desse tema, proporcionando um crescimento vertiginoso da literatura especializada e diversificando

ⁱ Pesquisador de Pós-Doutorado na Universidade Estadual Paulista (bolsista FAPESP). andrefelix_rj@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0137-3493>

enormemente os horizontes de pesquisa concernentes ao fenômeno urbano (VASCONCELOS, 1999).

Como diria Roberto Lobato Corrêa, a cidade, tomada enquanto objeto de investigação científica, pode ser estudada à luz de diferentes enfoques, perspectivas, teorias, métodos, técnicas, conceitos etc. No espaço urbano, as dimensões política, econômica, social, cultural, histórica e geográfica atuam em completa sinergia. Daí decorre a necessidade de estabelecermos, sempre que possível, um olhar interdisciplinar, que leve em consideração diferentes escalas, grandezas fenomênicas e analíticas (CASTRO, 1995; 2014). À luz de um ponto de vista geográfico, argumenta Corrêa, as cidades são, simultaneamente, fragmentadas e articuladas. “Eis o que é o espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante, um conjunto de símbolos e campo de lutas” (CORRÊA, 1985, p. 9).

No presente artigo, sem desconsiderar as abordagens que enfatizam o caráter fragmentário das cidades contemporâneas, gostaríamos de desenvolver outra perspectiva, que leva em consideração outros aspectos da vida urbana e pública: a perspectiva interacionista. Nesta pesquisa, particularmente, conceberemos as cidades e, mais especificamente, os seus espaços públicos, como sistemas de interações socioespacialmente estruturados. À luz de um debate entre sociólogos e geógrafos, buscamos demonstrar como a perspectiva interacionista poderia ser útil à reflexão geográfica sobre as cidades, em geral, e os espaços públicos, em particular. Trata-se, pois, de reconhecer os espaços públicos como lugares essenciais para o exercício da sociabilidade pública, leia-se, um conjunto de formas de interações sociais específicas (SIMMEL, 2006), derivadas do encontro de pessoas diversas em logradouros públicos, isto é, em lugares de exposição pública (GOMES, 2010).

Nos espaços públicos de diferentes cidades, cotidianamente, um grande “encontro marcado” parece ocorrer: pessoas muito diversas entre si optam por realizar uma série de atividades acompanhadas de pessoas desconhecidas, onde tudo é mediado por diferentes formas de interação que compõem aquilo que os geógrafos Paulo Cesar Gomes e Letícia Parente Ribeiro qualificaram, legitimamente, como um processo de coexistência espacial: “Estamos chamando esse encontro marcado de sociabilidade pública e percebemos rapidamente que o lugar onde ele ocorre é um elemento básico para compreendermos o sentido do que ali está se passando, o encontro social e suas dinâmicas” (GOMES e RIBEIRO, 2020, p. 6).

Em nosso estudo de caso empírico, com base em dois conceitos formulados para estudar a sociabilidade pública à luz de um ponto de vista geográfico, a partir da utilização de métodos de observação direta e da aplicação de questionários, propomos aquilo que estamos chamando nesse artigo de uma geografia da sociabilidade pública nas três maiores praças do bairro da Tijuca, um tradicional bairro residencial localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Optamos por dividir o texto em quatro tópicos: o primeiro tópico versa sobre alguns aspectos do método, das técnicas e dos instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa empírica; o segundo tópico trata de alguns dos pressupostos teóricos da assim chamada perspectiva interacionista; no terceiro tópico, apresentaremos brevemente dois conceitos utilizados na pesquisa, os elementos polarizadores e as unidades morfo-comportamentais; e o quarto e último tópico, trata dos resultados da pesquisa empírica, realizada nas três praças mais icônicas da Tijuca.

O Método

Como se sabe, determinados aspectos do espaço geográfico só se tornam inteligíveis quando promovemos estudos sobre a vida cotidiana, onde se desenvolvem as experiências individuais e coletivas da vida em sociedade. É na escala local, ou mesmo na microescala, que os geógrafos se relacionam com o mundo empírico, onde a interação entre investigador e objeto de investigação torna-se parte essencial da produção do conhecimento. Ao longo da história da disciplina geográfica, os geógrafos estabeleceram alguns marcos ou parâmetros metodológicos gerais, um conjunto de métodos e técnicas de pesquisa que fundaram aquilo que usualmente chamamos de um “olhar geográfico”, leia-se, uma maneira específica de abordar os temas de pesquisa – uma forma de pensar – que confere especial atenção à espacialidade dos fenômenos (GOMES, 2017).

Nesta pesquisa, particularmente, faremos uso de alguns procedimentos metodológicos largamente utilizados pelos geógrafos: a observação direta, a descrição do mundo empírico, a criação e a interpretação de imagens. A distribuição das ações e objetos, comportamentos e morfologias físicas, atividades e equipamentos e das formas de interação social nos espaços públicos não é aleatória, isto é, há uma lógica na ordem espacial deste fenômeno que é a sociabilidade pública. Cabe a nós, enquanto geógrafos, tornar esta espacialidade inteligível. Para tal, adaptamos alguns instrumentos metodológicos concebidos no âmbito grupo de pesquisa Território e Cidadania para a realização desta pesquisa:

1. Questionário fechado (n =655): descreve as formas de uso e ocupação dos frequentadores, as atividades realizadas e seus respectivos os elementos polarizadores (amostra aleatória – dado quantitativo);

2. Manuais de observação (n =180): descreve a espacialidade das diferentes formas de interação de indivíduos e grupos associadas às diversas unidades morfo-comportamentais identificadas (observação direta – dado qualitativo).

Neste trabalho, particularmente, a observação direta do mundo empírico nos trabalhos de campo realizados foi, certamente, a técnica de pesquisa mais importante. Com base nos diversos manuais de observação aplicados, uma espécie de guia descritivo, foi possível produzir uma abordagem efetivamente geográfica, isto é, que destaca a espacialidade das formas de uso/ocupação, interação e sociabilidade nos espaços públicos. Com estes instrumentos, esperamos responder algumas questões que nos parecem fundamentais: o que essas pessoas costumam fazer quando vão a esses espaços? Podem ser observadas territorialidades e/ou territorializações nestas formas de ocupação? Há conflitos de uso? Como as atividades, os equipamentos e as pessoas se organizam em termos de espaço? Que fatores ou parâmetros regulam esta disposição física das morfologias e dos comportamentos? Quais são os seus diferentes elementos polarizadores e suas respectivas unidades morfo-comportamentais? Como estão distribuídos os equipamentos públicos (morfologias), qual a sua relação com os usos (comportamentos) e que significados podemos extrair da relação estabelecida entre as morfologias físicas e os comportamentos individuais e coletivos?

Uma vez colhidos, os dados foram sistematizados, analisados e interpretados à luz de um ponto de vista geográfico. Mapas, croquis, nuvens de palavras e trechos selecionados das respostas presentes nos questionários foram os principais recursos adotados para

a exposição dos resultados, leia-se, para a composição daquilo que estamos chamando nesse artigo de uma geografia da sociabilidade pública das praças tijuicanas. Com a ajuda de alguns alunos de graduação e pós-graduação do grupo de pesquisa Território e Cidadania, realizamos um total 17 trabalhos de campo nas 29 praças do bairro da Tijuca, em diferentes períodos da semana e do dia. Aqui, contudo, diante do limitado escopo da proposta, trataremos apenas dos dados concernentes às três maiores praças do bairro: Praça Saens Peña, Praça Afonso Pena e Praça Comandante Xavier de Brito.²

A Perspectiva Interacionista e suas Possibilidades para a Geografia

Segundo argumenta Michael H. Jacobsen (2017), há diferentes versões da corrente teórica que nossos colegas sociólogos usualmente chamam de *perspectiva interacionista*; porém, em todos os casos, elas se baseiam em cinco fontes de influência fundamentais: 1) os filósofos gregos clássicos, particularmente as obras de Heráclito e Aristóteles; 2) o iluminismo escocês e os filósofos morais, com destaque para autores como Adam Ferguson, Frances Hutcheson e David Hume; 3) a teoria social alemã, em especial as obras de Marx Weber e Georg Simmel; 4) a assim chamada filosofia pragmática e, mais especificamente, os autores William James, Charles Peirce, John Dewey e George Herbert Mead; e 5) a sociologia urbana de Chicago, da primeira geração, por autores como Robert Park, Louis Wirth, Ernest Burgess e; de uma segunda geração, por autores como Herbert Blumer e Erving Goffman (JACOBSEN, 2017, p. 1-24).

Neste trabalho, particularmente, estamos interessados nos seguintes autores e conceitos: Georg Simmel (sociedade), Robert Park (mosaico urbano) e Erving Goffman (situação de interação). Esta escolha não é meramente casual, um traço comum a esses três sociólogos, Simmel, Park e Goffman, diz respeito ao fato de que eles são conhecidos por considerarem relevante em suas pesquisas a dimensão espacial dos fenômenos, autores esses que abordaram temas bastante diversos. Como diria o sociólogo Heitor Frúgoli, esses autores produziram uma “concepção espacializada do social e, reciprocamente, socializada do espaço” (FRÚGOLI, 2007, p.17-18).

Segundo o filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918), o conceito de sociedade, à luz da perspectiva da sociologia formal por ele concebida, poderia ser resumido em uma única expressão, interação social: “a sociedade, cuja vida se realiza num fluxo incessante, significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros” (SIMMEL, 2006, p. 17). No entender de Georg Simmel, todas as sociedades, sejam elas quais forem, compõem diferentes modalidades de interações interpessoais e intergrupais; em outros termos, as diversas formas de interações realizadas entre indivíduos e grupos que vivem conjuntamente socializados constituem o combustível essencial de toda a vida social. A interdependência e a influência mútua de todos em relação a todos origina uma complexa unidade, a sociedade, onde indivíduos e grupos satisfazem (ou pelo menos poderiam satisfazer) suas necessidades e interesses individuais e coletivos (SIMMEL, 2006).

Robert Erza Park (1864-1944), um sociólogo estadunidense de formação diversa, costumava dizer que as cidades são verdadeiros laboratórios para a investigação do com-

portamento humano/social, e que todas elas, apesar de serem únicas e muito diversas entre si, ostentavam algumas características comuns. Tendo a cidade de Chicago como objeto de estudos, cidade essa que, desde o início do século XX, atraiu diferentes ondas migratórias, Park dizia que os rigorosos métodos de observação empírica empregados em estudos realizados por antropólogos como Franz Boas e Robert Lowie para estudar os povos isolados, deveriam ser utilizados com igual rigor no estudo das cidades. Em certo sentido, poderíamos afirmar que Park e os ecólogos urbanos de Chicago estavam interessados em compreender, entre outras coisas, como populações étnicas e grupos culturais tão diversos entre si “competiam” e “compartilhavam” os mesmos espaços na cidade, formando um complexo mosaico urbano, sempre em constante movimento de transformação (PARK, [1916] 1973).

O sociólogo canadense Erving Goffman (1922-1982), de uma geração posterior aos primeiros sociólogos urbanos da Universidade de Chicago, juntamente com Ervest Hughes e Herbert Blumer, distantes das metáforas naturalistas que, simultaneamente, consagraram e desgastaram os assim chamados ecólogos clássicos, resgatou, renovou e diversificou a tradição interacionista. Daí surgiram duas vertentes principais dessa perspectiva: a microsociologia, preconizada por Erving Goffman; e o interacionismo simbólico, sob a liderança de Herbert Blumer. Segundo Isaac Joseph, fora essa segunda geração de sociólogos urbanos que formatou o conceito de definição da situação, criado por um dos primeiros professores do departamento de sociologia de Chicago, William Isaac Thomas, para descrever a experiência de adaptação dos imigrantes recém-chegados na cidade, que deu lugar ao fundamental conceito de *situação de interação*, ideia que marcaria toda a trajetória intelectual de Ervest Hughes e Herbert Blumer, mas especialmente o trabalho de Erving Goffman (JOSEPH, 2000).

Erving Goffman desenvolveu um olhar muito particular sobre as cidades e seus espaços públicos. Assim como Simmel e Park, a cidade era vista por Goffman como um complexo dispositivo socioespacial de interações. Todos os espaços da cidade exercem algum papel na organização daquilo que ele chamou de *Ordem Interacional*: (Em tradução livre) “Minha preocupação ao longo dos anos tem sido promover a aceitação deste domínio, o das interações face a face, como um domínio analiticamente viável – um domínio que pode ser intitulado, por falta de um nome feliz, de ordem da interação, um domínio cujo método preferido de estudo é a microanálise” (GOFFMAN, 1983, p. 3).

Se observarmos a vida cotidiana das cidades, rapidamente perceberemos um vai e vem contínuo, cíclico, de pessoas indo de um lugar para outro. Tomemos como exemplo o circuito urbano cotidiano de uma pessoa de classe média, que habita uma cidade hipotética: de casa para o trabalho, do trabalho para o supermercado, do supermercado para um espaço recreativo, do espaço recreativo para casa, de casa para a loja de departamentos, da loja de departamentos para a academia de ginástica, da academia de ginástica para a Universidade, da Universidade para o parque público, do parque público para casa e assim sucessivamente; trata-se, pois, de um rito interativo socialmente e espacialmente estruturado.

As ruas, estradas, avenidas, calçadas etc. constituem, simultaneamente, espaços de ligação e exposição dessa massa de pessoas que convive no ambiente urbano e nos seus espaços públicos, satisfazendo suas necessidades e interesses individuais e coletivos. Ca-

da um desses diferentes espaços que compõem as cidades propicia diversas *situações de interação*, associadas a funções distintas que, na vida urbana e pública, se complementam. Tal como argumentado por Goffman, há uma conexão pouco aludida entre a ordem interacional e a ordem estrutural nas quais as diferentes situações de interação estão inseridas: (Em tradução livre) “A formulação geral que sugeri da relação entre a ordem de interação e as estruturais permite (espero) proceder de forma construtiva” (GOFFMAN, 1983, p. 12).

Segundo Isaac Joseph, a contribuição mais importante da perspectiva interacionista para as ciências humanas e sociais foi ter demonstrado, de maneira categórica, a existência de um novo campo de estudos que foi durante muito tempo negligenciado, a *situação de interação*, que se situa entre os dois clássicos objetos de investigação científica da sociologia, a sociedade (o grupo, a classe, a população) e o indivíduo (ator, agente, sujeito). Do ponto de vista metodológico, ela se diferencia sobremaneira do “holismo” (estruturalismo e materialismo histórico, por exemplo) e do assim chamado “individualismo metodológico” (psicologia social e demografia, por exemplo); trata-se, pois, do *situacionismo metodológico* (JOSEPH, 2000).

Como bem argumenta Joseph, esta abordagem não exclui as outras perspectivas, ao contrário disso, ela demonstra de maneira evidente que, na vida social, urbana e pública, as estruturas não determinam todos os aspectos da vida em sociedade e nem vice e versa (JOSEPH, 2000). Em certo sentido, poderíamos inclusive argumentar que a ordem interacional, à luz da sociabilidade pública, por exemplo, ao mesmo tempo em que produz e reproduz as estruturas, oferece as possibilidades para a sua transformação (FELIX DE SOUZA, 2023). “Escarnecendo dos construtores de paradigmas, ele (Erving Goffman) constituiu, à margem da sociologia das estruturas, um léxico descritivo e analítico centrado em um princípio: não negligenciar a situação, não tratá-la como a ‘prima pobre’ da sociologia” (JOSEPH, 2000, p. 12).

Os geógrafos Derek Gregory e John Urry, na introdução do livro *Social Relations and Spatial Structures* (1985), demonstram como a geografia humana e a sociologia alteraram momentos de intensa colaboração e de profunda separação. Apesar desses dois campos do saber científico resguardarem importantes diferenças nas abordagens de seus proponentes, a separação entre teoria social e geografia humana (crítica), por exemplo, especialmente após a década de 1970, passou a ser amplamente questionada, tanto pelos geógrafos, quanto pelos sociólogos. À luz dessas críticas, o espaço geográfico deixou de ser visto como um epifenômeno, isto é, uma simples expressão das estruturas sociais e vice e versa. O sucesso da Teoria da Estruturação proposta por Anthony Giddens nos anos 1980, por exemplo, teria “dinamitado” de uma vez por todas as fronteiras existentes entre os processos sociais (sociologia) e os processos espaciais (geografia). Em outros termos, à luz desse ponto de vista, que foi fortemente influenciado pela perspectiva interacionista, as estruturas espaciais deixaram de ser concebidas como simples reflexos das relações sociais (GREGORY e URRY, 1985).

Como bem notaram os geógrafos Peter Jackson e Susan Smith (1984), do ponto de vista epistemológico, a perspectiva interacionista reúne influências do empirismo, do positivismo, do pragmatismo, do humanismo etc. Em termos metodológicos, a perspectiva interacionista elevou o estudo do cotidiano, da experiência individual e coletiva da vida

urbana e pública, a um novo patamar. Do ponto de vista teórico, a abordagem interacionista demonstra, mais uma vez, que espaço e sociedade não podem ser separados nas investigações científicas, especialmente nas pesquisas geográficas, pois, no espaço geográfico tudo está, de algum modo, conectado. As estruturas sociais são sempre construídas e desconstruídas socialmente, porém, em um mundo físico-material; por esse motivo, seria preferível concebê-las como estruturas socioespaciais. Tal como demonstrado por Peter Jackson e Susan Smith, a ciência geográfica tem, certamente, uma enorme contribuição a oferecer a este campo de estudos (JACKSON e SMITH, 1984).

Conceitos Empíricos: os Elementos Polarizadores e as Unidades Morfo-Comportamentais

“A fixidez espacial de um objeto de interesse provoca determinadas formas de relação que se agrupam entorno dele” (SIMMEL, 2013, p. 85). Como bem notou o filósofo e sociólogo fundador da sociologia formal, Georg Simmel, o espaço pode ser concebido como um ordenador das relações sociais; trata-se, pois, de uma dimensão de estudos fundamental para entendermos determinados objetos de investigação científica. Em se tratando do tema da sociabilidade pública, não resta dúvidas: a geografia tem algo a dizer! Todas as formas de interações face a face existentes, sejam elas quais forem, dependem de uma certa disposição, arranjo, organização ou ordem espacial para que se realizem. Para que as interações face a face possam se converter em sociabilidade, isto é, indivíduos e grupos que se reúnem com o expresso intuito de interagir socialmente, as pessoas precisam, invariavelmente, se encontrar: escolher onde e quando esses encontros ocorrerão, entre as diversas possibilidades que o sistema de espaços públicos pode oferecer.

No presente tópico, apresentaremos ao leitor dois conceitos geográficos concebidos para descrever e interpretar a espacialidade da sociabilidade nos espaços públicos, à luz de observações do mundo empírico: os *elementos polarizadores* e as *unidades morfo-comportamentais*. Enquanto o geógrafo Alexander Von Humboldt falava em “leis empíricas”, no presente tópico, gostaríamos de desenvolver a ideia de *conceitos empíricos*. Não entraremos aqui naquela antiga discussão filosófica do dilema epistemológico kantiano: é a experiência que precede o conceito, ou é o conceito que precede a experiência? Em outros termos, é a nossa experiência no mundo empírico que molda os conceitos que utilizamos para refletir sobre ele, ou vice e versa? Seguindo a formulação da filósofa Hannah Ginsborg, pensamos na ideia de conceitos empíricos como mais uma tentativa de conciliar essas duas possibilidades (GINSBORG, 2006).

Em minha dissertação de mestrado, intitulada “Lapa: um lugar central para a sociabilidade noturna” (2014), foram concebidos dois conceitos empíricos para descrever e interpretar a ordem espacial do fenômeno da sociabilidade nos espaços públicos do bairro da Lapa, cidade do Rio de Janeiro. Naquela oportunidade, nos diversos trabalhos de campo realizados, constatou-se a existência de alguns padrões espaciais de distribuição das aglomerações de indivíduos e grupos nos espaços públicos do bairro. Foi possível perceber que essas pessoas circulavam e se concentravam em trechos ou pontos bastante específicos, ou seja, havia algumas áreas mais densamente ocupadas do que outras, con-

figurando o que poderíamos chamar de diferentes áreas de concentração e/ou aglomeração de pessoas e, ao redor delas, havia áreas caracterizadas por uma maior dispersão e áreas vazias ou muito pouco ocupadas; todas interligadas por zonas de circulação, deslocamento ou trajetórias de pessoas. Resumidamente, havia áreas de concentração, dispersão, vazios e áreas de circulação de pessoas (FELIX DE SOUZA, 2014).

No presente estudo, propõe-se uma complexificação dessas ideias. Pode-se dizer que cada um desses diferentes pontos de concentração reúne determinadas características que, de alguma maneira, atrai essas pessoas a esses lugares. Em outras palavras, para que um ponto no espaço possa se converter em uma área de convergência de fluxos de pessoas, é necessário que ele seja detentor de um conjunto de características que lhe confira uma força de atração. A partir de agora, chamaremos de *elementos polarizadores* esse conjunto de interesses e necessidades individuais e coletivas que atrai e reúne diferentes públicos de indivíduos e grupos em determinadas áreas, as *unidades morfo-comportamentais*, isto é, localizações geográficas específicas que ostentam diversas formas, tamanhos, funções e usos, que unificam um conjunto de morfologias físicas (equipamentos, mobiliário, objetos etc.) e comportamentos individuais e coletivos (diferentes públicos, formas de uso, tipos de apropriação etc).

Em resumo: os elementos polarizadores constituem as forças de atração e as unidades morfo-comportamentais são as localizações geográficas que reúnem determinadas morfologias físicas e comportamentos individuais e coletivos. Os nomes podem parecer estranhos, mas as ideias são simples e se mostraram muito úteis para interpretar a ordem espacial da sociabilidade pública nas praças tijucanas. No próximo tópico, quando apresentarmos exemplos concretos, essas ideias certamente ficarão menos obscuras.

Uma Geografia da Sociabilidade Pública na Cidade do Rio de Janeiro: o Exemplo das Praças do Bairro da Tijuca

O nome Tijuca, muito antes de remeter ao bairro, deriva da palavra *ty-iuc* de origem indígena, mais especificamente Tupi, que significava líquido podre, lama, charco, pântano, brejo, atoleiro, lameiro. Inicialmente, associava-se a palavra Tijuca à Baixada da Tijuca, uma área alagadiça de baixa altitude que hoje abriga os bairros de Jacarepaguá e da Barra da Tijuca. Em um segundo momento, o nome Tijuca passou a nomear a Serra Carioca, também conhecida como Serra da Tijuca, atual Alto da Boa Vista, que abriga algumas das maiores montanhas dessa região e a famosa Floresta da Tijuca, localizada no Parque Nacional da Tijuca. Posteriormente, Tijuca passou a se referir também aos vales que se estendiam pela outra vertente da Serra Carioca, Vale do Andaraí Pequeno e Vale do Andaraí Grande, que hoje engloba os bairros que compõem a região administrativa da Grande Tijuca, bairros esses que, em certo sentido, têm uma história comum (CARDOSO *et al.*, 1984; SANTOS, LEITE e FRANCA, 2003; ROSE e AGUIAR, 2004).

Segundo o último censo realizado em 2010, estima-se que a região da Grande Tijuca, composta pelos bairros da Tijuca, Praça da Bandeira, Alto da Boa Vista, Grajaú, Andaraí, Vila Isabel e Maracanã, conte com uma população total de cerca de 367.000 pessoas, sendo cerca de 13% desse montante composto por pessoas que residem nas favelas que se distribuem pela região (SANTOS, LEITE e FRANCA 2003). No bairro da

Tijuca, mais especificamente, incluindo aí as suas favelas, estima-se uma população total de cerca de 170.000 residentes; em que pese o fato de que, muito provavelmente, esses dados estejam defasados.

O estudo realizado pela geógrafa Amanda Fernandes de Carvalho, intitulado “Das muitas praças que uma praça é: contribuição para o estudo de um sistema de espaços públicos no Rio de Janeiro”, foi um importante ponto de partida para a realização desta pesquisa. De maneira geral, o estudo de Amanda Fernandes demonstrou como as praças do bairro da Tijuca compõem um sistema, com “funções diferenciadas” no interior do bairro: por exemplo, a Praça Saens Peña, uma das maiores e mais importantes dessa região, dada a sua localização e situação geográficas, apresenta formas de apropriação muito associadas ao uso do solo do seu entorno imediato (comércio, serviços, trabalho, mobilidade, consumo etc); enquanto a Praça Afonso Pena, outra importante praça do bairro, ostenta formas de uso associadas especialmente à função predominantemente residencial que caracteriza o seu entorno imediato (lazer, prática de esportes, uso recreativo, etc) (CARVALHO, 2016).

Como dito antes, diante do limitado escopo dessa proposta, concentraremos nossa atenção nas três maiores praças do bairro da Tijuca: Praça Saens Peña, Praça Afonso Pena e Praça Comandante Xavier de Brito (Figura 1). Conforme demonstraremos nas páginas que se seguem, apesar dessas três praças oferecerem um conjunto relativamente parecido de equipamentos públicos, nos diversos trabalhos de campo realizados, foram observadas diferenças significativas nas formas de uso e ocupação nelas presentes. Neste trabalho, particularmente, propomos um estudo geográfico sobre a sociabilidade pública das praças tijuquinas. Trata-se, pois, conforme será possível constatar nas próximas páginas, de uma característica fundamental da cultura carioca: a pujante vida pública que tem lugar nos seus mais diversos espaços públicos, em especial, nas suas praias, parques e praças (GOMES, 2010).

Nesses espaços públicos, o caráter fragmentário das extremamente desiguais estruturas socioespaciais que caracterizam as grandes metrópoles brasileiras, em geral, e a cidade do Rio de Janeiro, em particular, que separa a “favela” do “asfalto”, é atenuado ou relativizado, pois, nesses espaços, todos compõem o mesmo público, participam dos mesmos ritos de interação, realizando atividades diversas, mas em um inquestionável processo de coexistência socioespacial (FELIX DE SOUZA, 2022a). Tal qual sugerem os resultados da pesquisa empírica, os interesses dos indivíduos e grupos que se reúnem nesses lugares são relativamente diferentes, porém, nesses espaços públicos, tudo é mediado pelas interações (despretensiosas) com pessoas diversas; em outras palavras, a sociabilidade pública constitui um fenômeno unificador (FELIX DE SOUZA, 2022b). Nas páginas que se seguem, comentaremos algumas das diferenças e semelhanças encontradas nas formas de uso e apropriação desses três espaços públicos, destacando a espacialidade dos ritos de interação públicos, leia-se, da socialidade pública. Para a exposição dos resultados, como dito anteriormente, foram elaborados mapas, nuvens de palavras, croquis e trechos selecionadas das respostas associadas aos questionários aplicados.

Conforme comentado anteriormente, as praças Afonso Pena, Saens Peña e Comandante Xavier de Brito constituem três das maiores e mais importantes praças do bairro da Tijuca. Consideremos algumas informações importantes: a Praça Afonso Pena se situa em

uma área cujo uso do solo é predominantemente residencial, mas onde há também alguns estabelecimentos comerciais ou de serviços; a Praça Saens Peña, localizada na porção central do bairro, tem como característica mais marcante o fato de que o uso do solo no seu entorno imediato é predominantemente comercial e de serviços, muitos restaurantes, farmácias, lojas de departamento, shoppings, galerias, consultórios médicos e odontológicos, cartórios, lanchonetes etc., que dividem espaço com vários edifícios residenciais e de uso misto; já a Praça Comandante Xavier de Brito, assim como a Praça Afonso Pena, tem como característica essencial o fato de que o seu entorno imediato é predominantemente residencial, com alguns trechos de uso misto (Figura 1).

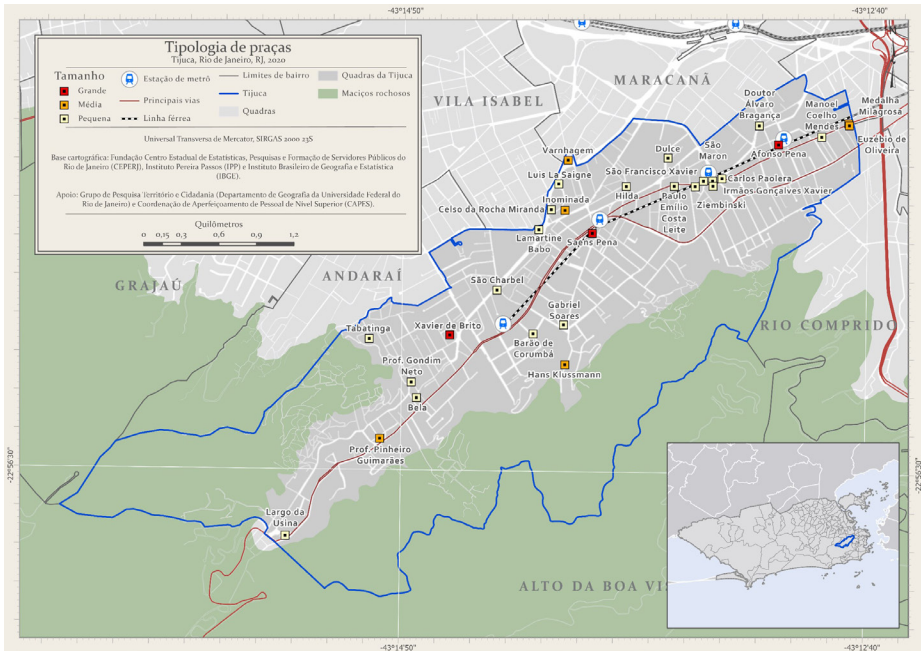


Figura 1 – Mapa – localização das praças tijuicanas organizadas segundo uma tipologia de tamanhos.

Os frequentadores utilizam essas praças com o objetivo de satisfazer necessidades e interesses individuais e coletivos que funcionam como verdadeiras “forças de atração” para públicos diversos; como dissemos antes, chamaremos essas forças de atração de elementos polarizadores (Figuras 2, 3 e 4).

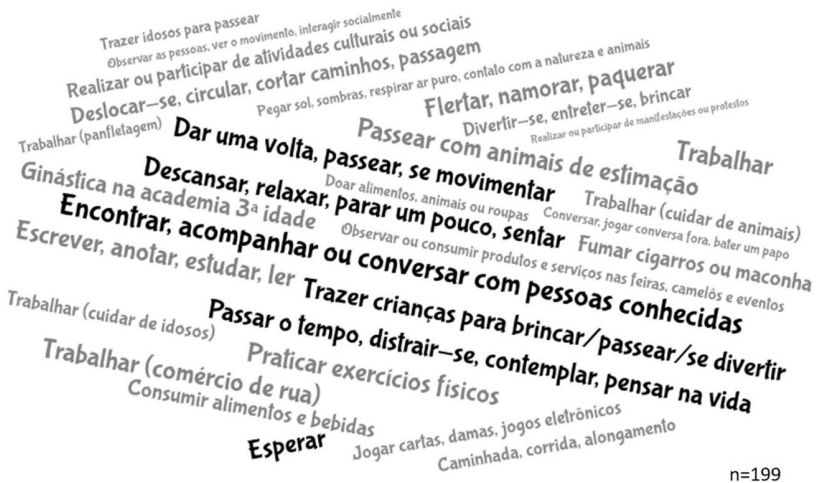
Elementos Polarizadores Praça Afonso Pena



n=215

Figura 2 – Nuvem de palavras – elementos polarizadores Praça Afonso Pena.

Elementos Polarizadores Praça Saens Peña



n=199

Figura 3 – Nuvem de palavras – elementos polarizadores Praça Saens Peña.

PRAÇA AFONSO PENA
croqui esquemático

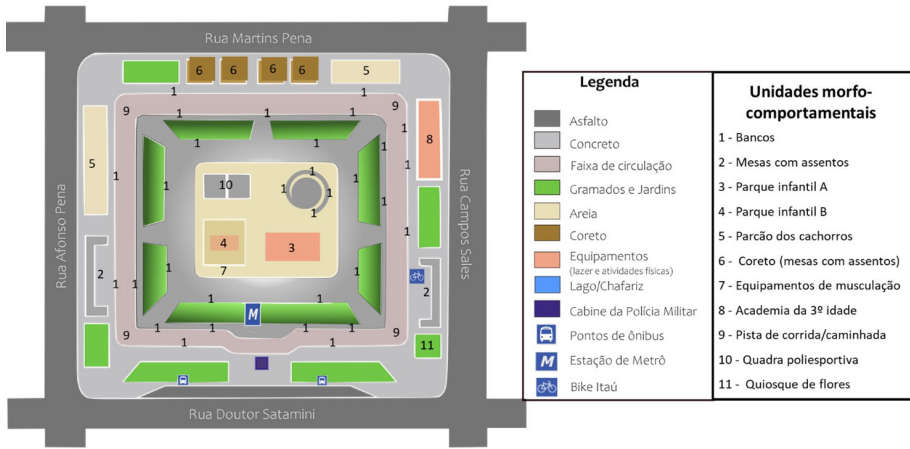


Figura 5 – Croqui das unidades morfo-comportamentais Praça Afonso Pena.

PRAÇA SAENS PEÑA
croqui esquemático



Figura 6 – Croqui – unidades morfo-comportamentais Praça Saens Peña.

PRAÇA XAVIER DE BRITO
croqui esquemático

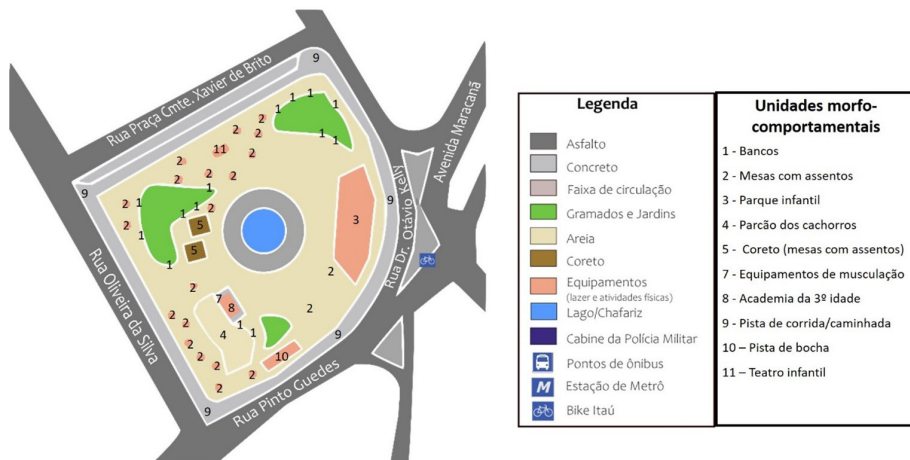


Figura 7 – Croqui – unidades morfo-comportamentais Praça Comandante Xavier de Brito.

Bancos e Assentos

A primeira unidade morfo-comportamental que eu gostaria de descrever/comparar é uma das poucas que ostenta um padrão espacial descontínuo: trata-se das áreas onde se distribuem/concentram os diferentes tipos de bancos e assentos. Nas três maiores praças estudadas, usualmente, os bancos e assentos se localizam em dois setores prioritários: nas áreas de circulação e nas zonas de transição entre diferentes espaços das praças. Nos dois casos em questão, a presença dos bancos e assentos possibilita aos eventuais frequentadores uma interrupção no tráfego, um ponto de observação privilegiado, uma oportunidade para conversar com pessoas conhecidas ou desconhecidas, uma parada para descansar e pensar na vida etc.

Comparando-se os principais elementos polarizadores das três maiores praças do bairro, é possível notar como as unidades morfo-comportamentais dos bancos e assentos constituem atrativos fundamentais nas três praças, mas especialmente nas praças Afonso Pena e Saens Peña, onde atividades como pegar sol e descansar depois do almoço, por exemplo, foram amplamente documentadas nos trabalhos de campo. Quando os frequentadores foram indagados sobre o que estavam fazendo naqueles pontos específicos das praças, os bancos e assentos, essas pessoas assim respondiam: *“vendo o movimento”*; *“sentada descansando”*; *“tô esperando a hora passar para pegar a filha no colégio”*; *“vim ao CINE procurar emprego e parei aqui”*; *“sentado esperando uma pessoa”*; *“dando uma maçã para a filha”*; *“esperando, admirando a paisagem”*; *“vim relaxar um pouco, tirar a hora do almoço”*; *“ouvindo música”*; *“conversando com a namorada”*; *“mexendo no celular”* etc.

Mesas com Assentos

Na Praça Afonso Pena e na Praça Comandante Xavier de Brito, além das mesas presentes nos coretos, muito utilizadas para a prática de jogos, há mesas com assentos distribuídas por outras áreas que originam unidades morfo-comportamentais, assim como as anteriormente descritas, de caráter descontínuo. Na Praça Afonso Pena, essas mesas com assentos são distribuídas em quatro áreas nas arestas da praça, enquanto na Praça Comandante Xavier de Brito as mesas com assentos se distribuem pelas áreas de circulação, onde indivíduos ou grupos, conhecidos e desconhecidos, sentam, descansam, conversam, leem jornais ou revistas, observam o movimento de pessoas, olham as mensagens no celular, pegam sol, esperam a hora passar, marcam encontros com pessoas conhecidas para conversar, consomem alimentos ou bebidas etc.

Quando indagados sobre o que estavam fazendo nessa unidade morfo-comportamental, os frequentadores assim respondiam: *“fui no trabalho e parei aqui para estudar”; “encontrar uma tia”; “abrindo uma água descansando”; “fumando um cigarro, sentado”; “nada, aqui sentado com eles”; “sentando para se distrair”; “tomando uma Coca-Cola e conversando”; “sentei aqui pro cachorro descansar e tô aqui observando as pessoas, o movimento”; “Sentada observando o idoso”; “vendo o WhatsApp, sentada descansando”; “sentado aqui conversando”; “descansando e pensando na vida”; “sentado olhando o movimento e relaxando”* etc.

Parques Infantis

Os parques infantis, igualmente, são unidades morfo-comportamentais muito importantes nas três maiores praças tijuicanas: tanto na Praça Afonso Pena, quanto na Praça Comandante Xavier de Brito, o elemento polarizador mais citado foi *“trazer as crianças para brincar/passear/se divertir”*, constituindo, pois, um dos mais importantes atrativos dessas praças. Os diversos equipamentos infantis que se concentram nessas áreas das praças, brinquedos como gangorras, balanços, escaldores, escorregas etc., atraem públicos com interesses específicos: o lazer infantil.

Na grande maioria dos casos, as crianças são acompanhadas por adultos (pais, mães, tios e tias, avôs, avós etc.); enquanto as crianças interagem umas com as outras e se divertem nos brinquedos, os adultos observam, brincam e *“tomam conta”* delas, geralmente, interagindo socialmente com outros adultos e crianças e conversando sobre temas diversos. Quando perguntados sobre o que estavam fazendo naqueles pontos específicos nas três praças (parques infantis), os frequentadores respondiam: *“assistindo o neto brincar”; “vindo do colégio e passei para brincar rapidinho”; “cuidando da criança”; “olhando as crianças que estão brincando”; “brincando com meu neto no parque”; “filmando eles brincando”; “acompanhando a criança”; “tava vendo o celular sentada aqui olhando as crianças”; “jogando futebol com eles e sentei na gangorra”; “pensando na vida e olhando o filho”* etc.

Coretos

Nas três praças em questão há outra unidade morfo-comportamental importante para determinados públicos, os coretos: áreas cobertas com telhados que abrigam um conjunto de mesas com assentos que comportam usos específicos, geralmente, adultos e idosos, em sua grande maioria homens, que jogam e apostam em jogos de cartas, por exemplo. Por se tratar de uma das únicas áreas cobertas dessas três praças, longe do sol ou da chuva, os coretos são muito utilizados por pessoas que querem se abrigar do tempo momentaneamente, por pessoas em situação de rua que preferem dormir ou descansar em áreas cobertas, ou mesmo por pessoas que querem consumir algum alimento ou bebida nas mesas, onde também há alguns vendedores ambulantes que vendem seus produtos.

Durante o fim da noite e de madrugada, jovens e adolescentes costumam se reunir nos coretos para conversarem, fumarem cigarros ou maconha, namorarem, escutarem música, consumirem bebidas, interagirem socialmente etc. Quando os frequentadores foram indagados sobre o que estavam fazendo naqueles pontos específicos das praças (coretos), eles assim responderam: *“esperando os amigos para jogar”*; *“sentado olhando o jogo de baralho”*; *“comendo um salgado e fumando um cigarro”*; *“tirando hora do almoço e vendo notícias no celular”*; *“trabalhando vendendo (ambulante)”*; *“sentado, esperando os amigos”*; *“sentado conversando com um conhecido”*; *“fumando um (maconha) e jogando sueca”*; *“vendo os amigos jogando”*; *“fumando um (maconha), jogando um jogo, se distraindo”* etc.

Parques de Cachorros

Nas três praças estudadas, foram observadas muitas pessoas levando seus animais de estimação para passear, constituindo esse um importante elemento polarizador dessas praças. Na Praça Afonso Pena e na Praça Comandante Xavier de Brito, diga-se de passagem, há áreas destinadas exclusivamente para esse fim, tratando-se, pois, de uma unidade morfo-comportamental muito utilizada nessas duas praças, popularmente conhecidas como “parcão dos cachorros”. Em geral, são áreas cercadas por grandes grades com portões de acesso, onde pessoas as mais diversas possíveis se reúnem com seus animais de estimação. Enquanto os animais correm, latem, brigam, urinam e defecam, os seus respectivos tutores, além de brincarem, conversam bastante entre si. Dependendo do horário, o número de pessoas e animais concentrados nessas áreas é enorme, originando, literalmente, um espaço de interação socio-animal.

Quando indagados sobre o que estavam fazendo naqueles pontos específicos, os frequentadores dos parques de cachorros responderam: *“contemplar a praça, as pessoas e os cachorros”*; *“conversando e interagindo com os outros donos”*; *“conversando e ajudando a arrumar a festa de aniversário de um dos cachorros”*; *“passeando com o cachorro”*; *“observando o cachorro, enquanto fuma um cigarro”*; *“brincando com o cachorro”*; *“tomando conta do cachorro”*; *“olhando a praça e o cachorro brincar”*; *“sentado pensando na vida, lembrando dos bons tempos* etc.

Academias da Terceira Idade

As academias da terceira idade são unidades morfo-comportamentais que, assim como algumas outras, atraem públicos específicos com interesses específicos: nesse caso, geralmente, adultos e idosos que se exercitam nos equipamentos de ginástica ali concentrados. Nas três praças estudadas, especialmente no horário da manhã, havia programações específicas destinadas ao público idoso, onde professores e instrutores oferecem aulas gratuitas que fazem muito sucesso entre o público de idade mais avançada: eles fazem exercícios físicos, dançam, imitam coreografias e se divertem muito.

Quase todos os dias esse encontro marcado de idosos e adultos acontece: enquanto se exercitam, eles conversam e sorriem, interagindo socialmente com outras pessoas, em sua grande maioria pessoas que se encontram quase que diariamente nessas praças. Quando os frequentadores das academias da terceira idade foram indagados sobre o que estavam fazendo naqueles pontos específicos em que eles se encontravam, eles responderam: *“me exercitando no aparelho”*; *“fazendo exercício para a perna na academia da 3ª idade”*; *“me exercitando”*; *“malhando, fazendo uma ginástica”*; *“malhando perna”*; *“usar os aparelhos de academia e faço ginástica toda manhã com um instrutor”* etc.

Equipamentos de Musculação

Nas praças Afonso Pena e Comandante Xavier de Brito, há ainda uma área destinada especificamente à prática de musculação e alongamento, trata-se de uma unidade morfo-comportamental que reúne alguns poucos equipamentos como barras e paralelas. Nessas duas praças, essa unidade morfo-comportamental ostenta algumas especificidades, como o seu público frequentador mais usual, que é composto em sua maioria por homens, jovens e adultos. Enquanto fazem barras, flexões, paralelas e abdominais, essas pessoas conversam, gesticulam, riem, fazem piadas, falam sobre futebol, política, escutam música, se hidratam etc.

Alguns frequentadores dessa unidade morfo-comportamental, inclusive, me relataram que se exercitam em horários específicos, pois sabem que encontrarão pessoas conhecidas para conversarem enquanto praticam exercícios. Quando indagados sobre o que estavam fazendo naqueles pontos específicos, os frequentadores responderam: *“malhando e escutando música”*; *“exercitando os membros superior”*; *“estou malhando”*; *“fazendo barra”*; *“malhando no aparelho”*; *“fazendo barra e flexão e vou caminhar também”*; *“malhando aqui”* etc.

Pistas de Corrida e Caminhada

Diga-se de passagem, as praças Afonso Pena e Comandante Xavier de Brito são muito utilizadas para a prática de exercícios físicos. Uma unidade morfo-comportamental bastante utilizada nessas duas praças é a pista de corrida e caminhada, uma área que circunda essas duas praças por completo. Assim como as demais, essa unidade morfo-comportamental reúne públicos específicos para realizar atividades específicas: a maior

parte das pessoas corre ou caminha com roupas leves, na maioria dos casos, sozinhas, em duplas ou trios, tanto homens quanto mulheres, jovens e adultos, preferencialmente, mas também há idosos.

Enquanto correm ou caminham muitos escutam música com fones de ouvido, outros conversam com suas duplas ou trios, alternando momentos de maior velocidade e menor velocidade, tal qual observado, aqueles que caminham conversam mais do que aqueles que correm. Quando perguntados: o que você está fazendo nesse ponto específico em que estamos agora? Os frequentadores responderam: *“estava caminhando”*; *“tava descansando da corrida”*; *“caminhando”*; *“correr e me exercitar”*; *“vim me exercitar, correr e usar os equipamentos”*; *“fazer um exercício e dar uma caminhada”*; *“fazendo a caminhada diária (...)”* etc.

Quadra Poliesportiva; Pista de Bocha e Áreas Abertas (Tai Chi Chuan; Crossfit; Capoeira etc)

Nas três maiores praças do bairro há ainda algumas unidades morfo-comportamentais específicas em cada praça: na Praça Afonso Pena há uma quadra poliesportiva, muito frequentada por crianças e adolescentes onde é possível praticar esportes com bola, como basquete, futebol, vôlei etc.; na Praça Comandante Xavier de Brito há também uma pista de bocha, que é pouco frequentada atualmente, mas que ainda sim reúne um público formado majoritariamente por homens idosos de tempos em tempos. Não poderíamos deixar de mencionar a utilização das áreas abertas dessas praças para a realização de esportes “coletivos” específicos em determinados dias e horários, tais como crossfit, capoeira e tai chi chuan que, além de reunirem os praticantes, geralmente, reúnem também pequenas plateias.³

Quiosque de Flores; Banca de Jornal; Estações de Metrô; Pontos de Ônibus e Bicletários

Nas praças Afonso Pena e Saens Peña há alguns estabelecimentos comerciais privados: respectivamente, um quiosque de flores que comercializa arranjos, vasos, plantas e flores e uma grande banca de jornal, que vende jornais, revistas e acessórios. É importante ressaltarmos que, nessas duas praças, há também dois modais de transporte muito movimentados: uma estação de metrô e um terminal ou ponto de ônibus; em ambos os casos, nas duas praças em questão, o movimento de transeuntes circulando com o objetivo de acessar esses modais é bastante significativo, o que acaba atraindo também um grande número de vendedores ambulantes e fixos.

Cabe mencionar ainda a presença de grandes bicicletários nas três maiores praças do bairro, um serviço privado conhecido como Bike Rio, que aluga bicicletas por tempos determinados e que atrai também diversos frequentadores para essas praças. Quando perguntados o que estavam fazendo naqueles pontos específicos (quiosque de flores, banca de jornal e bicicletários), os frequentadores responderam: *“tava passando e resolvi parar pra ler o jornal”*; *“tava lendo o jornal”*; *“(...) às vezes leio o jornal”*; *“lendo o jor-*

nal”; “acessar o metrô”; “esperar minha filha que está vindo do metrô”; “pegar ônibus para casa”; “pegar o ônibus para ir embora”; “esperando o ônibus”; “pegar a bicicleta no Bike Rio” etc.

Amenidades

Nas três praças em questão, diversos frequentadores fizeram referência ao fato de que a presença de determinados elementos da natureza, tais como areia, terra, árvores, flores, arbustos, gramíneas e corpos d’água (um chafariz na Praça Comandante Xavier de Brito e um lago artificial da Praça Saens Peña), além é claro da própria escassez de edificações, constituem importantes atrativos dessas praças. Na Praça Afonso Pena, por exemplo, o elemento polarizador “pegar sol, sombras, respirar ar puro, contato com a natureza e animais”, foi um dos mais citados entre os frequentadores. Nas praças Saens Peña e Comandante Xavier de Brito, respectivamente, quando há água no lago artificial e no chafariz, algumas crianças costumam mergulhar e brincar nessas instalações, especialmente nos dias mais quentes do ano; em alguns casos, pessoas em situação de rua também utilizam esses equipamentos hídricos para se limparem, tomarem banho ou mesmo se refrescarem.

Quando perguntados o que estavam fazendo naqueles pontos específicos das praças, os frequentadores responderam: “sentada à sombra para não pegar sol”; “se escondendo do sol”; “pegando sol”; “pegar sol por causa da vitamina D”; “pegar sol, ar, ver gente”; “parada na sombra aguardando um amigo”; “descansando na sombra”; “tomar sol, ver as flores”; “descansando na sombra, esperando as crianças”; “(...) observando a fonte”; “(...) sentado aqui fazendo nada pegando um vento na sombra”; “olhando a natureza”; “se refrescando perto do chafariz” etc.

Outras Formas de Uso e Ocupação Relevantes: Feiras Livres e Comércio de Rua

Nas três praças em questão, diariamente, o comércio de rua (vendedores ambulantes e fixos) atrai frequentadores diversos, que consomem bebidas, alimentos, roupas e acessórios nas instalações das praças. Em determinados dias e horários ocorrem também diferentes feiras livres: na Praça Saens Peña, tanto nos fins de semana quanto nos dias de semana, uma grande feira distribui barracas ao redor de toda a praça que comercializa produtos diversos tais como roupas, bijuterias, acessórios etc., reunindo diversas pessoas que circulam, observam e consomem. Nas praças Afonso Pena e Comandante Xavier de Brito, igualmente, a instalação de feiras livres nas dependências da praça, que ocorre de tempos em tempos, especialmente nos fins de semana, atrai muitos frequentadores que consomem produtos diversos como alimentos orgânicos, na Praça Comandante Xavier de Brito; e roupas, acessórios e objetos diversos, na Praça Afonso Pena. Quando perguntados o que estavam fazendo naqueles pontos específicos, os frequentadores responderam: “esperando os pais comprarem na feira”; “trabalhar na feira orgânica”; “trazer o cachorro e comprar na feira”; “ia comprar uma bolsa na feira, mas não encontrei”; “trazer a filha para brincar, venho também para a feira orgânica as vezes” etc.

Brinquedos Privados, Cavalos, Pôneis e Doação de Animais

Conforme dito antes, em diferentes dias da semana, períodos do dia, situações e contextos específicos, as unidades morfo-comportamentais podem ser “refuncionalizadas”. Nos fins de semana, nas praças Comandante Xavier de Brito e Afonso Pena, por exemplo, são instalados brinquedos privados com ingressos pagos nas áreas abertas dessas praças, geralmente, nas zonas de circulação que existem entre as unidades morfo-comportamentais, tais como camas elásticas, piscinas de bola, carrinhos elétricos, entre outros. Na Praça Comandante Xavier de Brito, também nos fins de semana, diversos cavalos, pôneis e cabritos servem ao entretenimento infantil (montaria e passeios em charretes), que renderam o apelido de “Praça dos Cavalinhos” a esta praça. Em diferentes ocasiões, nessas mesmas praças, feiras destinadas à adoção de animais de estimação são realizadas, reunindo diversos frequentadores.

Vejamos o que diziam alguns dos entrevistados quando perguntados o que estavam fazendo nesses pontos das praças: “olhando a neta no pula-pula”; “trazer os filhos para brincar no pula-pula, parquinho e nos cavalos”; “olhando as crianças no pula-pula (...)”; “trabalhar no pula-pula”; “cuidando dos carrinhos”; “trabalhar, vendendo brinquedos”; “tirando foto dos animais”; “trazer os filhos para brincar no pula-pula, parquinho e nos cavalos”; “andar de cavalo”; “andar de cavalo com a filha (...)”; “doação de cachorrinhos”; “doar filhotes de cachorros” etc.

Oficina de Teatro

Em alguns fins de semana, nas praças Comandante Xavier de Brito e Afonso Pena, são realizados eventos culturais, teatrais e musicais: na Praça Afonso Pena, uma grande oficina de teatro realiza apresentações cênicas e formaturas de cursos de teatro no centro da praça, na área conhecida como “Monumento Tim Maia”, com muita música e atrações diversas; o mesmo pode ser dito em relação ao teatro infantil de marionetes que funciona na Praça Comandante Xavier de Brito que, com intervalos de tempo regulares, promove apresentações destinadas ao público infantil que reúne, além das crianças, geralmente acompanhadas de adultos, pequenas plateias.

Pessoas em Situação de Rua

A população em situação de rua, igualmente, costuma utilizar as dependências dessas três praças fazendo uso de determinadas unidades morfo-comportamentais. Essas pessoas, muitas das quais em situação de extrema vulnerabilidade social, segundo me disseram alguns entrevistados, se reúnem nessas três praças, tanto nos dias de semana quanto nos fins de semana, assim como todos os outros frequentadores, para satisfazerem determinados interesses e necessidades: proximidade de banheiros, a presença de pessoas ou instituições que distribuem alimentos e doativos, a presença de agentes públicos, o movimento de transeuntes, a “sensação de segurança”, entre vários outros. O uso mais comum observado nos trabalhos de campo por esse público específico foi a utilização de equipamentos como os bancos e mesas para dormirem ou descansarem abrigados do tempo, dividindo o espaço com os outros frequentadores.

Protesto Político e Manifestação Pró-Saúde Pública

As unidades morfo-comportamentais são refuncionalizadas também quando são realizados eventos extraordinários nessas praças, vejamos alguns exemplos observados em campo: na Praça Saens Peña, em duas ocasiões distintas, foram realizados protestos e manifestações nas dependências da praça, um deles ao longo de várias horas que concentrou grande número de pessoas, com a presença de grandes faixas, cartazes, distribuição de panfletos, música, cantos de protesto e contendo reivindicações com depoimentos e falas dos manifestantes em microfones amplificados; e o segundo, mais rapidamente, através da circulação de pessoas com faixas e cartazes contendo reivindicações concernentes à saúde pública.

Ações Sociais/Cidadania e Apresentação Musical

Na Praça Saens Peña, em um fim de semana ensolarado, um grande evento de ações de cidadania foi promovido, oferecendo inúmeros serviços de estética, de saúde pública, de regularização de documentos, de apoio psicológico, de serviços sociais, além de apresentações musicais (banda da polícia militar) etc. Tendo em vista o fato de que a Praça Saens Peña reúne muitas pessoas em situação de rua, conforme me informaram alguns agentes públicos responsáveis pela organização do evento, essas ações acontecem de tempos em tempos nessa praça com o objetivo de atender, especialmente, à população em situação de vulnerabilidade social, ofertando serviços diversos que atraem também públicos mais amplos, leia-se, pessoas que residem ou trabalham nas redondezas.

Cada uma das diferentes *unidades morfo-comportamentais* e *elementos polarizados* aqui descritos possibilita ao público frequentador dessas praças experimentar diversas *situações de interação*. Todas essas atividades, realizadas em diferentes áreas dessas praças, são mediadas por aquilo que estamos chamando nesse artigo de sociabilidade pública, isto é, diferentes formas de interação social que se estabelecem entre indivíduos e grupos diversos reunidos nos espaços públicos (FELIX DE SOUZA, 2020). A sociabilidade pública é, certamente, um dos mais importantes atrativos dessas praças, pois, indivíduos e grupos realizam esse verdadeiro “encontro marcado” com o expresso intuito de interagir socialmente (GOMES; RIBEIRO, 2020). Não por acaso, como bem argumentava o filósofo e sociólogo Georg Simmel, a sociabilidade possui autonomia em relação aos seus conteúdos e finalidades (SIMMEL, 2006).

Considerações Finais

No presente artigo, em nosso estudo de caso empírico, com base na realização de diversos trabalhos de campo nas praças do bairro da Tijuca, onde foram aplicados questionários e manuais de observação, propomos aquilo que chamamos de uma geografia da sociabilidade pública na cidade do Rio de Janeiro, ou seja, descrevemos a ordem espacial do fenômeno da sociabilidade pública. Em termos teóricos, à luz de uma reflexão sobre a perspectiva interacionista, concebemos dois conceitos empíricos para estudar geograficamente a sociabilidade pública: os elementos polarizadores e as unidades

morfo-comportamentais. Do ponto de vista metodológico, fizemos uso de um conjunto de métodos e técnicas de pesquisa largamente utilizados pelos geógrafos, a observação direta, a descrição do mundo empírico, a criação e a interpretação de imagens.

Na cidade do Rio de Janeiro, cotidianamente, indivíduos e grupos diversos se reúnem nos espaços públicos de maneira espontânea, para satisfazerem interesses individuais e coletivos igualmente diversos. Nos espaços públicos dessa cidade, praças, parques, calçadas, esquinas, alamedas, áreas centrais, praias, ruas, largos etc., diariamente, ocorre um verdadeiro encontro da diversidade cidadina. A sociabilidade pública, isto é, as diferentes formas de interação que indivíduos e grupos diversos estabelecem entre si nos espaços públicos, tal qual demonstramos neste artigo, constitui um fenômeno unificador desses encontros. Cabe a nós, enquanto geógrafos, tornar a espacialidade desses encontros públicos inteligíveis, esse foi justamente o intuito desse artigo.

Referências Bibliográficas

CARDOSO, E. *et al. Tijuca*. Pelo Grupo de Pesquisa em Habitação e Uso do Solo Urbano-PUR-UFRJ. Rio de Janeiro: Index, João Fortes Engenharia, 1984.

CARVALHO, A. Das muitas praças que uma praça é: contribuição para o estudo de um sistema de espaços públicos no Rio de Janeiro. In: Encontro Nacional de Geógrafos – A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia, XXIII. *Anais*. São Luís, p. 1-8, 2016.

CASTRO, I. Escala e pesquisa na geografia. Problema ou solução? *Espaço Aberto*, v. 4, n. 1, p. 87-100, 2014.

CASTRO, I. O problema da escala. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). *Geografia Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CORRÊA, R. *O espaço urbano*. São Paulo: Editora Ática. 1985.

FELIX DE SOUZA, A. *Lapa: um lugar central para a sociabilidade noturna*. 2014, 175f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FELIX DE SOUZA, A. *Sociabilidade pública na cidade do Rio de Janeiro: uma reflexão geográfica sobre a importância dos espaços públicos para a existência das sociedades republicanas e democráticas*. 2020. 517f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

FELIX DE SOUZA, A. Espaços públicos e fragmentação socioespacial, reflexão teórico-empírica sobre o Rio de Janeiro. *PatryTer*, v. 5, n. 10, p. 219-248, 2022a.

FELIX DE SOUZA, A. Sociabilidade pública: interação social e espaços públicos. *GEOUSP Espaço e Tempo*, v. 26, n. 1, p. 1-21, 2022b.

FELIX DE SOUZA, A. Cosmopolis: public spaces, cosmopolitanism, and democracy. *GeoJournal*, n. 88, p. 1157–1173, 2023.

FRÚGOLI, H. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

GINSBORG, H. Empirical concepts and the content of experience. *European Journal of Philosophy*, v. 14, n. 3, p. 1-45, 2006.

GOFFMAN, Erving. The interaction order. *American Sociological Review*, v. 48, n. 1, p. 1-17, 1983.

GOMES, P. C. C. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

GOMES, P. C. C. *Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GOMES, P.; RIBEIRO, L. P. (orgs.). *Formas de la sociabilidad: una geografía de los espacios públicos en Rio de Janeiro*. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2020.

GREGORY, D.; URRY, J. (ed.). *Social relations and spatial structures*. London: The Macmillian Press, 1985.

JACKSON, P.; SMITH, S. *Exploring social geography*. Londres: G. Allen and Unwin, 1984.

JACOBSEN, M. (ed.) *The interactionist imagination: studying meaning, situation and micro-social order*. Londres: Palgrave Macmillan imprint, 2017.

JOSEPH, I. *Erving Goffman e a microssociologia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

PARK, R. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. (org.) *O fenômeno urbano*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, [1916] 1973.

ROSE, L.; AGUIAR, O. *Tijuca de rua em rua: da Praça da Bandeira ao Alto da Boa Vista*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2004.

SANTOS, A.; LEITE, M.; FRANCA, N. (orgs.). *Quando memória e história se entrelaçam: a trama dos espaços na Grande Tijuca*. Rio de Janeiro: IBASE, 2003.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Andre Felix de Souza

SIMMEL, G. Sociologia do espaço. *Estudos Avançados*, v. 27, n. 79, p. 75-112, 2013.

VASCONCELOS, P. *Dois séculos de pensamento sobre a cidade*. Ilhéus: Editus, 1999.

Recebido em: 02/02/2023. Aceito em: 17/09/2023.

Notas

¹ As reflexões contidas no presente artigo são partes constituintes de minha tese de doutorado, orientada pelos professores Paulo Cesar da Costa Gomes (UFRJ) e Leticia Parente Ribeiro (UFRJ), defendida em novembro de 2020 no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, financiada pela CAPES – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (FELIX DE SOUZA, 2020).

² Nas três maiores praças do bairro, os trabalhos de campo foram realizados nas seguintes datas: 10/01/2018; 18/01/2018; 07/11/2018; 11/11/2018; 14/11/2018; 22/11/2018; 28/11/2018; 15/12/2018.

³ Conforme o leitor perceberá, não possível entrevistar todas as pessoas que estavam realizando algumas atividades nas suas respectivas unidades morfo-comportamentais, pois, para fazê-lo, seria preciso esperar que as atividades se encerrassem enquanto os trabalhos de campo eram realizados. Por esse motivo, algumas pessoas não foram indagadas sobre o que estavam fazendo em algumas unidades morfo-comportamentais específicas.